

Estudos canadenses: sua gênese, significância e instalação no Brasil

José Antônio Fedalto (fundador e primeiro-presidente ABECAN)

Recebido 27, jul. 2011 / Aprovado 10, ag. 2011

Resumo: O artigo intitulado *Estudos Canadenses: sua gênese, significância e instalação no Brasil* integra um conjunto de artigos escritos quando a Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN celebra seus 20 anos de fundação. O autor, fundador e primeiro-presidente da associação, como canadianista, inicia com um breve relato de alguns aspectos característicos do Canadá, entendendo que abordagens sobre o tema de estudos canadenses, a propósito, devem transmitir sempre algo de educativo ao leitor. Discorre sobre a gênese desses estudos e sua condição como elemento de educação cívica nas instituições de ensino do Canadá, seguida da expansão em nível internacional e sua instalação no Brasil. Detalhes dos fundamentos da política de cooperação internacional da PUCPR mostram que seu planejamento estratégico sistemático levou à consolidação de um relacionamento sustentável com o Canadá ao longo de muitos anos, passando pela realização do Congresso Inaugural da ABECAN, descrito em toda a sua programação. Reforça a relevância que os estudos canadenses tiveram como fonte de multiplicação de programas de intercâmbio com o Canadá e a sua marca indelével deixada, tanto na vida profissional quanto pessoal do autor.

Palavras-chave: estudos canadenses; ABECAN; cooperação internacional

Introdução

A ideia de produzir um volume comemorativo dos 20 anos da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN foi tão feliz quanto louvável. É por intermédio da escrita, a que tanto somos afeitos, nós professores, que fluem ideias, materializam-se pensamentos, deixam-se registros de ações, perpetuam-se fatos e eventos. Na qualidade de fundador e primeiro presidente da ABECAN, posição a que fui honrosamente alçado pela diplomacia canadense na ocasião do estabelecimento da associação, tenho evidentemente a história inicial a meu favor.

Canadianista que sou, julguei que a escrita deste capítulo, em particular, não deveria versar unicamente sobre os fundamentos da criação da associação e do seu estabelecimento. Penso que qualquer texto produzido sobre o Canadá deve conter para o leitor uma componente educativa, donde as descrições que inicialmente faço sobre algumas características do país, a propósito, no âmbito de estudos canadenses. Abordo, em seguida, a gênese desses estudos, a sua razão de ser, a significância para seu próprio povo e a sua expansão em nível internacional, quando então entramos em cena.

Palavras do historiador D. Morton (University of Toronto):

não é um idioma ou uma cultura comum o que une uma nação. Costuma-se dizer que o Canadá tem mais geografia que história. É experiência compartilhada, ou seja, história, que os “Canadian” têm em comum, portanto, o que os une. Cada geração de canadenses tem que aprender a conviver numa terra vasta e rica, porém difícil; para os desconhecedores da sua história, é bem mais difícil. Enquanto nação transcontinental unificada, a história teve início quando da conformação do Domínio do Canadá, em 1^o de Julho de 1867. Mas, as muitas histórias do Canadá haviam começado bem antes. (MORTON, 1989, p. IX).

Criamos e prosseguimos desenvolvendo, numa conjunção de esforços de tantos atores num processo, cada qual no seu *métier* e ao seu tempo, uma organização permanente para – associados, e tal qual profetas – fluirmos nas muitas histórias desse país distante, lá ao Norte, que nos cativa, devotando-nos à missão de ensinar sobre esse lugar do qual se diz “bem-vindos à civilização”.

Canadá, resenha de um país

O Canadá, em História – O ano, 1535. O explorador, navegador francês Jacques Cartier. O encontro, com dois jovens guerreiros da tribo dos Hurons, grupo dos Iroqueses. O local, onde hoje se localiza a cidade de Quebec. Os jovens huronianos mencionaram a Cartier o caminho ao “kanata”, traduzindo, ao acampamento da sua tribo. Assim, “kanata” foi ouvido pela primeira vez pelos viajantes europeus.

Cartier é considerado o descobridor oficial da terra que seria inicialmente referida como “Nova França”. Conduziu três expedições à região (1534 a 1543), navegando mais de 1.000 km rio acima (Saint-Laurent), atingindo as aldeias nativas de Stadacona (hoje Quebec) e Hochelaga (atual Montreal). Nessa região, a história então se desenrolaria, traçada no seu início, por homens firmes e convictos, como Samuel de Champlain, realmente o concretizador de projetos na colônia, quem levantou (1608) o Forte de Quebec, e Paul de Chomédy, Sieur de Maisonneuve, fundador de Ville Marie (1642), futura Montreal. Foram 225 anos de administração francesa da Colônia Real, até a capitulação de Quebec (1759), batalha entre as tropas do comandante francês Marquês de Montcalm e do major-general inglês, vitorioso, James Wolfe. Franceses e ingleses em realidade sempre rivalizaram em disputas pela conquista de parcelas da América do Norte. O império britânico prevaleceu sobre o francês, mas não subjuguou o forte legado da cultura francesa. Os lírios de Bourbon lá permaneceriam.

Em 1867, data da proclamação da Confederação, em Charlottetown (PEI), era oficialmente criado o “Domínio do Canadá”. Integravam-no: Nova Scotia, New-Brunswick, mais a colônia que originaria as províncias de Ontário e Quebec. A britânica Hudson’s Bay Company detinha a licença de caça e exploração do comércio de peles sobre uma extensa área – a Terra de Rupert – que representava 40% da superfície atual do país. Em 1870, toda essa área era adquirida pelo “novo” Canadá. No mesmo ano, a Inglaterra lhe transferiria o Território do Noroeste que, juntamente com Rupert, formaria um grande território. A Colúmbia Britânica e uma fração de Manitoba já existiam como colônias naquela época.

Com o passar dos anos, a superfície do Canadá foi-se modificando com a criação de novas províncias. Por volta de 1912, as fronteiras provinciais já estavam bem definidas. A configuração, tal qual conhecemos hoje, surgiu no período de 1920 a 1949.

O Canadá, em Geografia – Para falar de uma das características marcantes desse país, em primeiro lugar ressaltam-se sua imensidão e o fato de ser pouco povoada. Com uma superfície de 9.9 milhões km², o Canadá é o segundo maior país do mundo em extensão territorial. Mas são apenas 33 milhões de habitantes, ocupando uma faixa de 100 a 500 km ao longo da fronteira americana, dado as adversidades climáticas quanto mais nos aproximamos dos paralelos mais ao norte. 76% da população habita cidades, desenhando-se no país, portanto, um perfil urbano.

O Canadá, em Geologia – Em termos de geologia, o denominado maciço canadense cobre praticamente 50% da superfície do país. Imaginando um eixo vertical dividindo essa superfície em duas partes, o lado direito seria preenchido pelo maciço. Dele resultam solos muito fracos para atividades agriculturáveis, embora essas ainda sejam possíveis. Na região central, das pradarias, é que se encontram os solos férteis. Em compensação, o maciço reúne importantes reservas minerais, como ferro, prata, ouro, níquel, chumbo, urânio, zinco, que colocam o país entre os seus primeiros produtores. 80% da extração mineral é destinada à exportação.

O Canadá, do clima – Quanto ao clima, o Canadá não é somente a sua primeira imagem: o inverno, o frio. Temos um clima temperado na costa do Pacífico, com invernos amenos e úmidos e verões frescos e chuvosos; um clima continental nas pradarias, com longos invernos muito frios e verões bastante quentes e secos; ao sul de Ontário, ao longo do rio São Lourenço e nas províncias do Atlântico, experimentamos um clima continental temperado, com invernos rigorosos e verões quentes. O país tem a marca registrada de rigorosos invernos, mas no verão, em certas cidades, as temperaturas têm ultrapassado os 30°C.

O Canadá, da natureza – Em grandes coberturas vegetais, identificamos as florestas, que formam um manto contínuo, mas não homogêneo, de costa a costa. Constituem o traço paisagístico típico do país e o seu maior recurso natural renovável. No oeste, temos a Floresta do Pacífico, das mais densas, de cedros, abetos e pinus; no leste, a Floresta Acadiana, dos tradicionais plátanos (folhas-símbolo do país), carvalhos e coníferas. Esta e mais a Floresta Boreal e a Subalpina cobrem 48% do território do país, donde os 37 parques nacionais (iniciados com o de Banff, em 1885), verdadeiros santuários da natureza, que refletem a política governamental de proteção ao meio ambiente. Lagos também compõem a paisagem do Canadá em número não superado por qualquer outro país no mundo e, assim, concentram o maior volume de água doce do planeta.

O Canadá, da cultura – Como mosaico cultural, a história do Canadá sempre esteve fortemente vinculada a fluxos de imigração, a começar pelo ancestral povo asiático que atravessou o estreito de Bering, ao norte. Durante a colonização francesa, a maioria dos imigrantes provinha da França, enquanto sob o domínio inglês, provinha do Reino Unido, dos Estados Unidos (os loyalists) e de países do noroeste europeu. A colonização do Canadá por duas grandes nações – França e Inglaterra – resultou numa dualidade linguística, vale dizer cultural, bem característica.

Nas décadas que se seguiram ao pós-Grande Guerra, houve picos de imigração significativos de outras etnias que não as duas fundadoras; em média, o número de imigrantes foi da ordem de 150 mil/ano. Quando da constituição do Canadá (1867), os canadenses ingleses somavam 60%, os franceses 30% e as outras etnias 10%. Em anos recentes, os percentuais levantados apontaram para 40% de ingleses, 27% de franceses e 33% do chamado terceiro grupo. Um crescimento, portanto, dessa terceira componente do caleidoscópio cultural, profundamente heterogênea, impactando o perfil sociocultural do país.

Descrevemos assim, introdutoriamente, um pouco do Canadá, em História, Geografia, Geologia, suas condições climáticas, enquanto natureza, enquanto multicultural. E poderíamos tê-lo igualmente feito em outros campos, como Política, Economia, Relações Internacionais, Ciência e Tecnologia ou Literatura. Estuda-se, pesquisa-se e ensina-se, além-fronteiras, sobre o Canadá. Estamos no domínio dos chamados estudos canadenses.

Estudos canadenses na sua gênese

Num contexto geopolítico, três fatores embasariam o desenvolvimento de estudos sobre a nação canadense: primeiro, como uma nova sociedade, referindo-se aqui àqueles países enquanto colonizados por poderosos reinados europeus (francês, inglês, espanhol), com prevalência da cultura europeia sobre a local e, daí, os desdobramentos futuros no relacionamento com as respectivas Coroas; segundo, a questão geográfica, um espaço de dimensões continentais e pouco habitado, então, os esforços visando à exploração, expansão e conquista desse imenso território; e terceiro, a postura do Canadá no cenário internacional, cujas relações foram naturalmente impactadas e dominadas pela presença de um poderoso vizinho, os Estados Unidos, mas com um caráter distinto, o de um país pacificador, ao contrário da marca imperialista americana. Todavia, a contínua presença americana forçou os canadenses a explorar e construir sua própria visão de mundo.

As quatro primeiras décadas dos anos 1900 foram marcadas pela criação, no Canadá, de permanentes organizações em nível nacional, levando avante o processo de desenvolvimento da nação mais além que pelos trilhos de aço (referindo-se às ferrovias), mas com projetos efetivos nos campos da cultura, da educação e das artes. Assim, frutificaram projetos federais que criaram o National Research

Council – NRC (1916), a Canadian Broadcasting Corporation – CBC (1936), o Medical Research Council – MRC (1938) e o National Film Board – NFB (1939).

Era desejável que os canadenses conhecessem seu próprio país, sua história, cultura e tradições, até mesmo para desenvolver uma resistência à potencial absorção pelo padrão cultural geral do grande vizinho. Era, portanto, de interesse nacional encorajar aquelas organizações que promovessem a variedade e a riqueza cultural do país, interpretando o Canadá aos próprios canadenses, bem como a outras nações.

Entender e interpretar o Canadá, todavia, não é tarefa das mais simples, tanto do ponto de vista externo quanto mesmo do interno. Tomemos dois exemplos. A própria formação da Federação Canadense, num processo de adesão voluntária das colônias existentes ao modelo federativo, iniciado em 1867 e terminado somente em 1949, tornando o Canadá uma nação antiga e nova ao mesmo tempo. Outro exemplo é a sua expansão populacional via processo de imigração contínuo e interminável, dificultando a consolidação de uma identidade nacional homogênea.

Visando à formação de uma consciência nacional, digamos sustentável, e animado com o otimismo reinante no período pós-guerra, o governo federal instituiu, em 1949, uma comissão (Massey-Lévesque), cujas recomendações foram instrumentais na criação de várias organizações públicas no campo das artes, do patrimônio cultural e da educação superior. Por exemplo, a própria Biblioteca Nacional do Canadá.

Em 1969, uma publicação do Ontario Institute for Studies in Education – OISE, Toronto, examinava a adequação de uma educação cívica nas escolas do país. A identidade canadense seria moldada pelo bilinguismo, pelo regionalismo provincial em termos políticos e, novamente, pelo partilhar de fronteira com a mais poderosa das nações, os Estados Unidos da América, com sua forte presença em questões de defesa, indústria e comércio.

Em nível universitário, entra em cena a Associação de Universidades e Colleges do Canadá – AUCC, Ottawa, a qual estabeleceu uma comissão de debates sobre estudos canadenses. Lançada em 1972, a comissão tinha como mandato fazer recomendações sobre ensino e pesquisas relacionados ao Canadá, em vários campos de estudo, nas universidades canadenses. Era dirigida pelo Dr. Tom Symons.

O primeiro relatório foi publicado em 1975, sob o título *To Know Ourselves*. Envolveu cerca de 40 universidades de todas as províncias. Mais de 2.500 pessoas

participaram de encontros e quase 30 mil cartas foram recebidas pela comissão. O relatório continha perto de 1.000 recomendações gerais e outras 295 sugestões específicas sobre a questão de estudos canadenses.

Produziu-se então uma definição conceitual sobre a matéria: consideraram-se estudos canadenses como atividades de ensino ou pesquisa em qualquer área que, primordialmente, promovesse conhecimento a respeito do Canadá, seja sobre cultura, sociedade, posicionamento mundial ou algum outro aspecto inerente ao país. Naturalmente, entendeu-se que ensino ou pesquisa também poderiam assumir dimensões internacionais. O tema dos estudos canadenses foi assim, para o próprio canadense, um ato de educação cívica, vindo a fortalecer cidadania e valores públicos.

No mundo globalizado – na chamada *Global Village*, segundo o conceito do (também) canadense filósofo Marshall McLuhan – vivemos numa grande aldeia, num meio cibernético, hoje de comunicações instantâneas, de interações imediatas, de decisões impactantes nas economias em rede, de tentativas de compreensão de arraigados valores culturais. Estudar e conhecer as nações que desempenham nesse contexto papéis relevantes é fundamental ao entendimento do complexo cenário mundial. O Canadá seguramente encontra-se neste rol. Estudar sobre ele, se civismo para os canadenses é, no mínimo, exercício de cultura geral para os não canadenses.

Estudos canadenses no exterior

Os estudos canadenses emergiram no Canadá na década de 1960, marcada, juntamente com a de 1970, por um forte sentimento nacionalista. Interessante foi constatar nessa década o fenômeno da extrapolação desses estudos além-fronteiras do Canadá. É citado, nesse sentido, um trabalho pioneiro realizado pelos Estados Unidos. Forte apoio ao desenvolvimento de estudos canadenses no exterior viria do Department of Foreign Affairs & International Trade – DFAIT Canadá, por intermédio da sua Divisão de Relações Acadêmicas.

Em 1981, durante a realização de uma conferência em Halifax (NS), um projeto federal criava o Conselho Internacional de Estudos Canadenses – CIEC, com um secretariado permanente estabelecido em Ottawa. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, que congrega associações nacionais e multinacionais que operam o desenvolvimento de estudos canadenses. Cada associação congrega, no respectivo país, os seus “canadianistas.”

São assim chamados aqueles que estudam, pesquisam e ensinam temas sobre o Canadá. Normalmente, são professores em atividades na educação superior, baseados em Centros ou Núcleos Universitários de Estudos Canadenses. Existem cerca de sete mil canadianistas no mundo, reunidos em associações de estudos canadenses (são 22 associações) estabelecidas em 39 países, inclusive o Brasil (ABECAN). Os ensinamentos sobre o Canadá têm atingido um universo de, aproximadamente, 150 mil estudantes.

A ideia de criar uma Associação de Estudos Canadenses no Brasil (chamada ABECAN) surgiu da identificação, por parte da Embaixada do Canadá, do interesse latente de docentes, e por extensão de IES, pelo intercâmbio acadêmico com esse país. A visita ao Brasil de M. Fernand Tanguay, então Diretor de Relações Culturais e Acadêmicas do Ministério de Relações Exteriores (External Affairs Canadá) em abril de 1990, marcou uma etapa importante no processo de criação da associação. Na oportunidade, M. Tanguay manteve contato com autoridades governamentais e representantes da comunidade acadêmica brasileira de várias regiões do país.

A embaixada procedeu então a um levantamento visando à identificação de estudiosos que, de alguma forma, tivessem contato acadêmico com o Canadá. Foi identificado, já num primeiro momento, um universo de 550 acadêmicos, assim como um conjunto de 90 gestores universitários que haviam realizado o Programa de Administração Universitária da OUI – Québec. Passou também a embaixada a veicular informações sobre a futura criação da associação e do que se previa seriam as áreas de estudo que inicialmente a norteariam: História, Geografia, Ecologia, Arquitetura, Direito, Educação, Literatura (francesa e inglesa).

A Associação Brasileira de Estudos Canadenses, em definitivo, seria fundada em abril de 1991, seu congresso inaugural organizado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, na cidade de Curitiba. Decorridos três anos do processo de consolidação da associação, portanto 1994, uma vez atendidos os requisitos básicos de filiação em termos de número mínimo de associados, de publicações oficiais e de atividades promovidas, a ABECAN passou a integrar, como associada permanente, o Conselho Internacional – CIEC.

Foi a ABECAN precursora dos Estudos Canadenses na América Latina. Mencione-se que a Argentina já possuía Centros de Estudos Canadenses estabelecidos em algumas das universidades do país antes da nossa criação, todavia, não congregados numa associação. Seguindo os passos brasileiros, foram criadas

a Associação Mexicana (1994), com intensa interação consultiva conosco, a Associação Venezuelana (1995) e a Associação Argentina (1997).

Os fundamentos da cooperação PUCPR – Canadá

O ano, 1986. Desembarcávamos na cidade de Quebec para cumprirmos a componente internacional do Curso de Especialização em Gestão de Universidades, como bolsistas da Agência Canadense de Desenvolvimento Internacional – ACDI. O curso era administrado pela Organização Universitária Interamericana – OUI, sediada no Quebec. Era organizado pelo Institut de Gestion et Leadership Universitaire – IGLU. Dele participavam professores em cargos de gestão em universidades latino-americanas. Era o meu caso junto à PUCPR.

Foi a minha primeira exposição ao Canadá, país pelo qual logo me entusiasmei. Julguei que a universidade ganharia sobremaneira estabelecendo acordos de cooperação com congêneres canadenses. Era um campo asseveradamente fértil a explorar. Durante os cinco anos seguintes, a PUCPR enviou gestores para o curso da OUI. Fazia parte do seu planejamento estratégico. Assim, ao final dessa etapa do planejamento, possuíamos sete docentes em cargos de chefia, em diferentes setores da instituição, que haviam recebido treinamento no Canadá.

O ano, 1989. Participávamos de uma das primeiras reuniões do recém-constituído Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais – FAUBAI. O local, Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte. Tive a satisfação de lá encontrar e conhecer a sra. Silvia Reis, responsável pelo Setor de Educação da Embaixada do Canadá. A oportunidade foi ímpar para dialogarmos e verificarmos de que forma poderíamos estar envolvidos na cooperação Brasil-Canadá.

Durante essa reunião, comentou-se que havia uma exposição itinerante de obras de arte – trabalhos em gravuras – de artistas canadenses, que seria abrigada em diferentes locais de algumas cidades brasileiras, e Curitiba poderia ser incluída. Abracei de imediato a ideia de recebê-la. Em novembro daquele ano (1989), inaugurávamos a exibição no Espaço de Exposições do recém-construído Edifício da Administração da PUCPR. Um segundo evento do gênero seria organizado no mês de dezembro do ano seguinte (1990). Fato é que havíamos estabelecido um primeiro elo, ainda tênue, com a embaixada.

Em outubro de 1989, já ocupando a posição de diretor da PUCPR-International, eu teria uma nova exposição importante ao Canadá, ao acompanhar uma delegação de reitores de universidades brasileiras em visita a universidades do Quebec. O evento foi organizado pela OUI e administrado localmente pelo CRUB.

Em julho de 1990, Ricardo Duarte, oficial do Consulado Geral do Canadá em São Paulo, nos visitou. Comunicou-nos, em linhas gerais, sobre o projeto do governo do Canadá no sentido do estabelecimento de estudos canadenses no Brasil. No mês de dezembro, recebíamos a visita do cônsul geral do Canadá, Mr. William Ross, significativa para a universidade.

Organizamos uma reunião na Sala dos Conselhos, com a convocação de uma dezena de chefes de departamento e diretores de centro. A ideia era reunir representantes de diversas áreas do conhecimento para então discutirmos possibilidades de programas de intercâmbio com o Canadá. Fazíamos, naquela ocasião, uma demonstração de esforço organizado visando ao nosso propósito. Ao adentrar a sala, Mr. Ross exclamou: “What a Canadian atmosphere in this university setting”. Exclamação significativa para os da casa.

A esta altura, tínhamos conhecimento da organização de uma conferência internacional que estabeleceria no Brasil o projeto dos estudos canadenses. Três universidades já eram candidatas à organização do evento: PUC–Campinas, Universidade de São Paulo – USP e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Durante a visita do sr. cônsul, aflorou a ideia de agregar a PUCPR àquela lista. Seríamos então a quarta instituição na disputa do evento, que ocorreria no mês de abril do ano seguinte (1991). Permanecemos em silêncio. Na quarta-feira pós-carnaval de 1991, recebi um telefonema. Embaixada do Canadá e Consulado Geral comunicavam a decisão tomada: a PUCPR fora escolhida para sediar o Congresso Inaugural da ABECAN no Brasil. Entraves burocráticos e lentidão no processo decisório solaparam as intenções das outras instituições concorrentes. Estava ali patente o coroamento dos nossos esforços, planejados e centrados num alvo específico: o estabelecimento de uma base sólida que ancoraria a cooperação PUCPR – Canadá no porvir. Não sabíamos, mas isso embalaria um ativo programa de cooperação nos nossos próximos 15 anos.

O Congresso Inaugural da ABECAN

Uma vez comunicados, tivemos 45 dias para organizarmos o evento de fundação da ABECAN. Imediatamente formamos quatro comissões de trabalho: Central, de Recepção/Social, de Apoio e de Comunicação. Integravam a Comissão Central, juntamente comigo, as professoras Neuza Aparecida Ramos, Maria Júlia Trevisan e o Professor Roberto França. O grande evento ocorreu nos dias 28, 29 e 30 de abril, 1991. Tivemos registrados 200 participantes.

Sessão solene de abertura – dia 28/4, Sala de Conferências, Araucária Flat Hotel. Em seu pronunciamento, o embaixador do Canadá, William Clarke, salientou que seu país, Estado soberano na Comunidade Britânica de Nações, lançava-se num projeto governamental de expansão de relações com a América do Sul. No caso do Brasil, em que a embaixada considerava como prioritária a cooperação acadêmica, estabelecia-se uma associação objetivando promover um maior conhecimento principalmente sobre a herança cultural do Canadá. A PUCPR foi a instituição escolhida para sediar este singular evento.

O estabelecimento da Associação Brasileira de Estudos Canadenses lançava um marco nas relações acadêmicas entre Brasil e Canadá. A propósito, frisou o sr. embaixador, não se trata de uma associação dedicada a estudar unilateralmente um país. Trata-se de promover, sim, o estudo de temas centrados no Canadá, mas com interfaces comuns a ambos os países. Sem dúvida, verificaremos o florescimento de intercâmbios, dado que a associação estará fundamentada em pessoas que têm ou tiveram experiências acadêmicas, artísticas ou culturais com o Canadá.

No campo da gestão universitária, prosseguiu o embaixador, o Canadá já exerce marcante presença com o trabalho desenvolvido pela Organização Universitária Interamericana, sediada em Quebec, na oferta de estágios a dirigentes universitários do Brasil e de outros países latino-americanos. Temos aí constituído, portanto, um grupo de potenciais canadianistas, uma das células da futura associação.

Por outro lado, questões relacionadas ao Meio Ambiente, que hoje são mundiais, têm no Canadá uma liderança juntamente com outras nações desenvolvidas, cujas instituições vêm apoiando vários programas de pesquisa no campo da Ecologia. Curitiba, capital ecológica do Brasil, vem a propósito sediar este encontro internacional que muito poderá significar, em termos sociais, à temática do Meio Ambiente.

Uma organização não pode ser criada do nada, disse o sr. embaixador. Para que ela seja forte, deve começar com um senso de interesse comum. Um relacionamento bilateral de mais de cem anos vem amparar os dois países. Precisamos muito das universidades, a fim de moldarmos um grande entendimento entre as nações, auxiliando os atuais líderes a embasar suas decisões e aqueles do futuro a preparar um mundo melhor, concluiu o embaixador.

O dia seguinte (29/4) prosseguiu com relatos de experiências, de parte de autoridades universitárias canadenses, sobre programas de cooperação acadêmica Brasil-Canadá e perspectivas futuras no setor. Esse bloco de apresentações teve como um dos moderadores o professor Antônio Pedro Schlindwein (UFSC), então presidente do Fórum de Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais – FAUBAI.

Em sessão plenária do dia, foram debatidas questões temáticas sobre Meio Ambiente e desenvolvimento, à luz da futura Conferência das Nações Unidas (Eco-92). Essa sessão teve como palestrante o Dr. Jaime Lerner, então prefeito de Curitiba, que abordou o Poder municipal e a questão ambiental. Coordenava os trabalhos o professor Ramiro Wahraftig, Vice-Reitor de Pós-Graduação & Pesquisa da PUCPR.

A manhã do dia 30/4 foi reservada para a instalação propriamente dita da associação. O cônsul Terrence Lonergan conduziu a sessão. Discorreu sobre a estrutura geral da ABECAN e os seus objetivos. Atingiu-se um momento importante da sessão: a constituição de um corpo diretivo inicial da associação. Para a minha real surpresa, eu estava sendo apontado, pelas autoridades canadenses, como a pessoa a ocupar a presidência da associação. A professora Sônia Oliveira Almeida, da Universidade Federal Fluminense, fora aclamada como vice-presidente.

Fiz um retrospecto mental, do momento em que desembarquei no Quebec, cinco anos antes, àquele momento marcante que me colocava ante a responsabilidade de estruturar, promover e consolidar a associação. E seriam outros cinco anos à frente, em dois mandatos; o primeiro, indicado, o segundo, eleito pelos pares. Para o segundo, contaria com a professora Denise Gurgel Lavallée, da Universidade do Estado da Bahia, como vice-presidente.

Durante ambas as minhas gestões, tivemos da sra. Sílvia Bertoni Reis – quem cognominamos “madrinha da ABECAN” – irrestrito e fundamental apoio da Embaixada do Canadá para a condução dos projetos que constituíam parte das

nossas atividades. O mesmo se diga do Consulado Geral do Canadá onde, entre tantos oficiais, representando-os, nomino o sr. Walter Domingos.

Conclusão

Em palavras de agradecimento pós-congresso, o sr. embaixador Clarke expressou sua sincera apreciação pelo profissionalismo e empenho demonstrados por todos aqueles responsáveis para que o evento conjunto atingisse proporções de brilhantismo e extremo sucesso. Tínhamos conseguido sensibilizar efetivamente o meio acadêmico brasileiro a incluir o Canadá como proposta viável de intercâmbios. Esta vitória fazia ele questão absoluta de compartilhar.

E assim foi a história, com uma pincelada de bastidores, da instalação de estudos canadenses no Brasil. Estávamos inseridos num contexto internacional importante, dado que, em determinada fase posterior, a cooperação acadêmica via estudos canadenses chegou a ser considerada como um dos pilares da política externa do Canadá.

Criada a ABECAN e já filiada ao Conselho Internacional, seus canadianistas, em produção acadêmica, ao longo dos anos, a consolidariam. Com sede itinerante, previsto nos seus estatutos, conforme seu presidente eleito, a associação seria depois abrigada por outras instituições universitárias Brasil afora. Do Paraná, iria à Bahia, de Denise, depois ao Rio Grande do Sul, de Zilá, depois...

Terminava a minha tarefa, cumprida mais como engenheiro gestor de projetos que propriamente como acadêmico pesquisador. E assim, estava escrita uma das páginas mais importantes e significativas, tanto pessoal quanto profissional, da minha carreira na gestão das relações internacionais.

Coube-me, num dia singular, a digna e honrosa posição à frente de uma associação que me levaria a incorporar, na minha trajetória, um país chamado “Kanata”, explorá-lo de costa a costa e dele fazer, mais adiante no tempo, eu não sabia, a prazerosa razão da minha própria vida profissional.

A delegação canadense no congresso da ABECAN

A delegação canadense presente ao Congresso Inaugural da ABECAN foi composta por representantes do governo do Canadá (Embaixada, Consulado

Geral, Ministério, Câmara de Comércio), do Conselho Internacional de Estudos Canadenses, da Organização Universitária Interamericana e do meio universitário canadense:

Governo do Canadá

Mr. William Clarke, Embaixador do Canadá no Brasil

Mr. William Ross, Cônsul Geral do Canadá no Brasil

Mr. Brian Long, Diretor, Relações Acadêmicas, Ministério de Relações Exteriores

Mr. Terrence Lonergan, Conselheiro e Cônsul, Embaixada do Canadá

Ms. Alison LeClaire, Conselheira e Cônsul, Embaixada do Canadá

Sra. Silvia Bertoni Reis, Oficial, Setor de Educação e Diplomacia, Embaixada do Canadá

Sr. Ricardo Duarte, Oficial, Consulado Geral do Canadá

Câmara de Comércio Brasil – Canadá

Ms. Wendy Barker, Secretária Executiva

Conselho Internacional de Estudos Canadenses – CIEC

Professor Hans-Josef Niederehe, Presidente

M. Gaétan Vallières, Diretor de Administração e Programas

Organização Universitária Interamericana – OUI

Dr. Lauro Zimmer, Presidente

M. Pierre van der Donckt, Secretário Geral

Mme. Lyne Laflamme, Secretária Executiva

Associação de Universidades e Colleges do Canadá – AUCC

Dr. K. George Pedersen, Presidente do Conselho Administrativo

Ms. Eva Egron-Polack, Vice-Presidente Relações Internacionais

Universidades Canadenses

Dr. Claude Hamel, Presidente, Rede das Universidades do Québec

Dr. Jacques L'Ecuyer, Vice-Presidente Assuntos Acadêmicos, Universidade do Québec

Dr. Michel Gervais, Reitor, Universidade Laval, Québec

Dr. Aldée Cabana, Reitor, Universidade de Sherbrooke, QC

Dr. K. George Pedersen, Presidente, Universidade Western Ontario, London, ON

Dr. Jack McDonald, Vice-Presidente Assuntos Acadêmicos, Universidade de Guelph, ON

Dr. Frederick Stambrook, Vice-Presidente, Universidade de Manitoba, Winnipeg, MB

Dr. Catherine Bindon, Vice-Presidente Assuntos Acadêmicos, Universidade Mount Saint Vincent, Halifax, NS.

Abstract: Canadian studies its origins and installation in Brazil integrates a collection of articles written when the Brazilian Association of Canadian Studies – ABECAN celebrates its 20th. year of foundation. The author, the Association’s founder and first-President, as a Canadianist, begins with a brief report of some characteristic aspects of Canada understanding that approaches on the theme of Canadian Studies, by the way, should always transmit something educative to the reader. He talks about the origins of such Studies and its condition as an element of civic education in Canada’s teaching institutions, followed by the expansion at the international level and its installation in Brazil. A detailed description of the foundation of PUCPR (university) international cooperation policy shows that its systematic strategic planning led to the consolidation of a sustainable relationship with Canada over many years, passing through the Inaugural Congress of ABECAN of which the whole program is described. The author reinforces the relevance that Canadian Studies had as a source of multiplication of exchange programs with Canada and its indelible mark left in his professional and personal life as well.

Keywords: canadian studies; ABECAN; international cooperation

Résumé: L'article intitulé *Estudos Canadenses: sua gênese, significância e instalação no Brasil* intègre un certain nombre d'articles écrits lorsque l'Association Brésilienne des Études Canadiennes – ABECAN fête ses 20 ans. L'auteur, fondateur et premier Président de l'Association, en tant que canadieniste, commence par un bref compte-rendu de certains aspects du Canada. Son objectif étant que les approches sur le sujet des Études Canadiennes doivent toujours transmettre quelque chose d'éducatif au lecteur. L'auteur y traite de la genèse de ces études et de leur condition d'élément d'éducation civique dans les institutions d'enseignement du Canada, enchaîne avec son expansion au niveau international et son

installation au Brésil. L'auteur y décrit les détails des fondements de la politique de coopération internationale de la PUCPR (université) dont la planification stratégique systématique a bâti une relation durable avec le Canada au cours de nombreuses années. L'organisation du Congrès Inaugural ABECAN y est décrite dans tous ses détails. L'importance que les Études Canadiennes ont eue comme source de prolifération de programmes d'échanges académiques avec le Canada et la marque indélébile qu'ils ont laissée autant dans la vie professionnelle que personnelle de l'auteur y sont soulignées.

Mots-clés: études canadiennes; ABECAN; coopération internationale

Referências

- [1] FEDALTO, J. A. Brazil-Canadá academic relations: an overview and thoughts for future perspectives. In: CBIE INTERNATIONAL CONFERENCE, Ottawa, nov. 1999.
- [2] MORTON, Desmond. *Breve história do Canadá*. São Paulo: Alfa-Omega, 1989. p. 9. (Erindale College, University of Toronto).
- [3] ASIKINACK, Bill; SCARBOROUGH, Kate. *Explorando a América do Norte*. São Paulo: Ática, 1997. (Department of Indian Studies, University of Regina).
- [4] ROBERT, Benoît; MACDONALD, Michael; NADEAU, Raynald (Dir.). *Horizon Canadá*. Québec: Centre for the Study of Teaching Canadá, Université Laval, 1987.
- [5] DUHET, Paule-Marie (Dir.). *Le Canadá*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1991.
- [6] NAÇÕES do mundo: Canadá. Rio de Janeiro: Abril Livros, Time Life, 1992. (Consultores: Michael Ignatieff, Donald Simpson).
- [7] CAMERON, David R. *Taking stock: Canadian studies in the nineties*. Montréal: Association for Canadian Studies, 1996.